



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

VALMIRA DAMASCENO BISPO

**A PROBLEMÁTICA DA INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS
PARA ESTUDANTES DO 6º ANO FUNDAMENTAL II:
COMO A SEMÂNTICA PODE CONTRIBUIR**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

VALMIRA DAMASCENO BISPO

**A PROBLEMÁTICA DA INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS
PARA ESTUDANTES DO 6º ANO FUNDAMENTAL II:
COMO A SEMÂNTICA PODE CONTRIBUIR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Wânia Miranda Araújo da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B531p

Bispo, Valmira Damasceno.

A problemática da interpretação e compreensão de textos para estudantes do 6º
Ano Fundamental II : como a semântica pode contribuir / Valmira Damasceno
Bispo. - 2021.

59 f. : il., color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Wânia Miranda Araújo da Silva.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). 2. Língua portuguesa - Semântica.
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.07

VALMIRA DAMASCENO BISPO

**A PROBLEMÁTICA DA INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS
PARA ESTUDANTES DO 6º ANO FUNDAMENTAL II:
COMO A SEMÂNTICA PODE CONTRIBUIR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Wânia Miranda Araújo da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Dedico este trabalho primeiro a Deus, sem o qual, não teria forças na batalha, a meus pais José Ramiro e Dora Damasceno, meus filhos Wagner Bispo e Giovanni Bispo, meus irmãos queridos Viviane Damasceno e Valdomiro Damasceno, a professora Wânia Miranda e a todos que de alguma forma contribuíram em minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Imensa gratidão a minha família Dora Damasceno e José Ramiro (pais), Viviane Damasceno e Valdomiro Damasceno (irmãos), Wagner Bispo e Giovanni Bispo (filhos) pelo total apoio e motivação.

Gratidão a minha orientadora Wânia Miranda por ter aceito me ajudar, por ter disposto seu tempo com paciência e dedicação, pelos conhecimentos compartilhados comigo, pelos materiais pedagógicos enviados que me ajudaram bastante. Gratidão também aos demais professores e professoras que de alguma forma contribuíram na construção de meus conhecimentos. Gratidão a banca examinadora composta pelos professores Doutores: Alexandre Cohn da Silveira e Eduardo Ferreira dos Santos pela participação da minha banca.

Gratidão às pessoas especiais que estiveram comigo nesta jornada, essencialmente: Joelma Neri, Natali da Anunciação, Priscila Antônia, João Vitor, Weverton Campos, Andreia Regina, Luciana Santos, Ana Kézia, Manoela Ventura, Beatriz Conceição, Edsana Pereira, Luciana Mesquita, aos alunos do 6º ano da Escola José Nery de Mesquita.

Agradeço imensamente a todos!

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar.”

(Albert Einstein)

RESUMO

A dificuldade de interpretar e compreender textos escritos por parte de muitos estudantes parece ser a preocupação de muitos professores. Identificar o problema e buscar alternativas na construção do significado sob o olhar da Semântica, em especial da Semântica Cognitiva, que viabilizem a mediação pedagógica no âmbito da leitura, é o objetivo deste estudo que busca investigar por meio de perguntas e aplicação de um texto o que o aluno pensa e como age frente ao desafio da interpretação e compreensão. Como fundamentação teórica trouxemos os autores: Antunes (2007), Azeredo (2018), Cançado (2008), Corso e Salles (2009), Costas e Ferreira (2011), Koch (2015), Leffa (2012), Lenz (2013), Oliveira (2012), Pereira (2013), Santos (2008), Solé (1998), Souza (2016) que vão contribuir no estudo sobre a Semântica, intermediação da Semântica Cognitiva e as relações com a leitura, interpretação e compreensão textual. Como metodologia da pesquisa, foram aplicadas duas atividades: a primeira, uma entrevista para verificar a percepção a respeito da leitura, interpretação e compreensão. A entrevista foi feita a uma professora e a 14 estudantes da turma do 6º ano de uma escola particular, sendo que as perguntas feitas à professora foram diferentes das perguntas feitas aos alunos; a segunda atividade foi um texto embaralhado aplicado somente aos alunos para identificar a compreensão e associação da palavra desconhecida no contexto. Como resultado, observamos que os participantes nos mostram relações distintas com a leitura, expõem pontos de vistas que mostram diferenças entre o que julgam e o que ocorre quando realizam uma leitura, ou seja, na entrevista responderam como se tivessem um nível de dificuldade na interpretação e compreensão de texto diferente do nível de dificuldade observado na construção do texto embaralhado. Dessa forma, neste trabalho são apresentadas propostas de estratégias a serem aplicadas em sala de aula na tentativa de minimizar as possíveis dificuldades de interpretação e compreensão, contudo, concluímos que a solução para o problema depende de fatores linguísticos, extralinguísticos, culturais, sociais e outros tantos que não se esgotam na construção do significado.

Palavras-chave: Língua portuguesa (Ensino fundamental). Língua portuguesa - Semântica.

ABSTRACT

The difficulty of interpreting and understanding written texts by many students seems to be the concern of many teachers. Identifying the problem and looking for alternatives in the construction of meaning from the perspective of Semantics, especially Cognitive Semantics, which make pedagogical mediation feasible within the scope of reading, is the objective of this study, which seeks to investigate through questions and the application of a text of what the student thinks and how he acts in the face of the challenge of interpretation and understanding. As a theoretical basis we brought the authors: Antunes (2007), Azeredo (2018), Cançado (2008), Corso and Salles (2009), Costas and Ferreira (2011), Koch (2015), Leffa (2012), Lenz (2013), Oliveira (2012), Pereira (2013), Santos (2008), Solé (1998), Souza (2016) who will contribute to the study of Semantics, intermediation of Cognitive Semantics and the relationships with reading, interpretation and textual understanding. As a research methodology, two activities were applied: the first, an interview to verify the perception regarding reading, interpretation and understanding. The interview was made with a teacher and 14 students in the 6th grade class at a private school, and the questions asked to the teacher were different from the questions asked to the students; the second activity was a scrambled text applied only to students to identify the understanding and association of the unknown word in the context. As a result, we observed that the participants show us different relationships with reading, expose points of view that show differences between what they judge and what happens when they read, that is, in the interview they responded as if they had a level of difficulty in interpretation and comprehension of text different from the level of difficulty observed in the construction of the scrambled text. Thus, in this work, proposals for strategies to be applied in the classroom are presented in an attempt to minimize the possible difficulties of interpretation and understanding, however, we conclude that the solution to the problem depends on linguistic, extralinguistic, cultural, social and other factors. so many that do not exhaust themselves in the construction of meaning.

Key words: Portuguese language (Elementary School). Portuguese language - Semantics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DEFININDO SEMÂNTICA: BREVE EXPLICAÇÃO	14
2.1	SEMÂNTICA NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO	17
2.2	INTERPRETAR E COMPREENDER O SENTIDO NO TEXTO	19
3	ELEMENTOS RELEVANTES PARA INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS	25
3.1	INFERÊNCIA	25
3.2	INTENCIONALIDADE	27
3.3	METÁFORA	27
4	APLICAÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA LEITURA DE TEXTOS	30
4.1	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DOS TEXTOS DIDÁTICOS	33
5	INVESTIGAÇÃO DOS DADOS	37
5.1	PROCEDIMENTOS	37
5.2	ATIVIDADE DE ENTREVISTA AOS ALUNOS	39
5.3	ATIVIDADE COM TEXTO EMBARALHADO	43
5.4	ORGANIZAÇÃO DAS PERGUNTAS APLICADAS À PROFESSORA E SUAS RESPECTIVAS RESPOSTAS	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE	58

1 INTRODUÇÃO

A problemática sobre a forma como os alunos leem, interpretam e compreendem os conteúdos pode ser a preocupação de muitos professores da educação básica, como também dos níveis superiores. Na educação básica, o problema pode ser visível com maior intensidade na transição do 5º ano fundamental I para o 6º ano fundamental II, provavelmente pela alteração de hábitos e práticas escolares. O que incentivou a pesquisa para entender as dificuldades de interpretação e compreensão de textos foi a observação de um aluno do âmbito familiar que, quando iniciou as aulas no 6º ano, começou a apresentar problemas na leitura dos textos, que até então não existiam. O rendimento escolar do aluno passou a ser inferior aos dos anos anteriores, foi perguntado o porquê das notas baixas no Componente Curricular de Língua Portuguesa e o aluno respondeu que não conseguia entender o texto para fazer interpretação, não conseguia relacionar as perguntas do professor com a leitura do texto, problema este, que passou a ser minimizado quando ingressou no 7º ano, ou seja, a mudança de um nível de ensino para o outro, influenciou no desempenho pedagógico do aluno.

Em função disso, este trabalho de conclusão de curso (TCC) traz como proposta investigar as dificuldades de interpretação e compreensão na leitura de textos, enfrentadas por alunos do 6º ano, assim, analisa os fatos a partir da visão semântica, tomando como base na defesa dos pontos de vistas apresentados neste trabalho, a Semântica Cognitiva que vai ofertar um aporte teórico fundamentados nas ideias de alguns autores como: Antunes (2007), Azeredo (2018), Cançado (2008), Corso e Salles (2009), Costas e Ferreira (2011), Koch (2015), Leffa (2012), Lenz (2013), Oliveira (2012), Pereira (2013), Santos (2008), Solé (1998) e Souza (2016) que vão contribuir no estudo sobre a Semântica, intermediação da Semântica Cognitiva e as relações com a leitura, interpretação e compreensão textual.

O objetivo deste trabalho concerne em: (i) Identificar o problema e buscar alternativas na construção do significado sob o olhar da Semântica, em especial da Semântica Cognitiva, que viabilizem a mediação pedagógica no âmbito da leitura; (ii) identificar as dificuldades de interpretação e compreensão na leitura de textos; (iii) analisar as metodologias pedagógicas possíveis para minimizar as dificuldades na leitura; (iv) entender a relação do professor com o aluno nas atividades de leitura, como o professor enxerga esse processo. Como sugestão de propostas para

minimizar o problema na leitura de textos, apresentamos algumas estratégias pedagógicas que podem funcionar como mediadores na construção do significado.

Para compor o cenário de investigação sobre as dificuldades de interpretação e compreensão leitora, pensamos em um estudo de caso que nos mostrasse os problemas e as inquietações dos alunos e professora, então, foram elaboradas duas atividades: a primeira, uma entrevista para verificar a percepção a respeito da leitura, interpretação e compreensão dos alunos e professora, sendo que foram diferentes as perguntas feitas à professora e aos alunos e teve o objetivo de verificar a impressão desta sobre o processo de interpretação e compreensão por parte dos estudantes; a segunda, foi um texto embaralhado aplicado somente aos alunos, a intenção foi sondar a compreensão e como organizavam as ideias na ordenação dos parágrafos.

Nesse contexto, o trabalho está estruturado da seguinte forma: no capítulo 2 “*definindo Semântica: breve explicação*” apresentamos breves conceitos evidenciados pelos autores Antunes (2007), Cançado (2008), Corso e Salles (2009) e Lenz (2013), trazendo perspectivas acerca do significado no texto. Na seção 2.1 “*Semântica na construção do sentido no texto*” discutimos aspectos da Semântica Cognitiva na atribuição de sentido no texto, nos embasamos nas propostas de Azeredo (2018), Costas e Ferreira (2011), Oliveira (2012) e Pereira (2013). Na seção 2.2 “*compreender e interpretar o sentido no texto*” Veremos com Solé (1998), Leffa (2012) e Koch (2015) como se constituirá a interpretação e compreensão do texto. Faremos uma breve descrição do texto para em seguida entrarmos com a leitura de texto.

No capítulo 3 “*elementos relevantes para interpretação e compreensão de textos*” discorreremos sobre os elementos considerados por nós como essenciais para interpretação e compreensão textual. Neste momento, apresentamos a inferência, intencionalidade e metáfora. Nos embasamos nos autores Azeredo (2018), Santos (2008), Solé (1998) e Souza (2016).

No capítulo 4 “*aplicação da Semântica Cognitiva no processo de ensino-aprendizagem para leitura de textos*” pensamos em verificar de que forma a Semântica Cognitiva pode auxiliar no ensino-aprendizagem da leitura de textos em sala de aula, dessa forma, discorreremos sobre o processo de transição do aluno, apresentamos possíveis estratégias pedagógicas na mediação do professor e consideramos as teorias dos autores Corso e Salles (2009), Lenz (2013) e Solé (1998). Na seção 4.1 “*mediação pedagógica na leitura, interpretação e compreensão dos*

textos didáticos”, avaliamos e apresentamos procedimentos que podem contribuir na mediação pedagógica.

No capítulo 5 “*investigação dos dados*” apresentamos os dados coletados no estudo, as atividades elaboradas na formação da pesquisa e as análises dos dados.

Por fim, no capítulo 6 “considerações finais”, discorremos sobre as teorias e a pesquisa apresentadas neste trabalho, fazendo um apanhado geral de toda discussão do trabalho.

2 DEFININDO SEMÂNTICA: BREVE EXPLICAÇÃO

Às vezes podemos pensar que a Semântica está relacionada apenas ao significado na frase, contudo, para além desse pensamento, é preciso observar que a Semântica envolve também discursos na enunciação, formais, cognitivos, entre outros aspectos relacionados à língua e, para fazer referência semântica na interpretação e compreensão de texto, é necessário analisar o conceito desta. Muitos teóricos estudam o significado como objeto da Semântica. Alguns autores como Cançado (2008) e Lenz (2013) trazem resultados de pesquisas sobre a semântica.

Segundo Cançado (2008, p.15) a Semântica “é o estudo do significado das línguas”, nessa perspectiva informa que o falante possui um conhecimento lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico que o ajuda a compreender e formar sentenças, também, são estes aspectos linguísticos que auxiliam na construção do significado. Portanto, entende-se que a linguística possui níveis de desenvolvimento linguístico, a saber:

O léxico, que é o conjunto de palavras de uma língua; a fonologia, que é o estudo dos sons de uma língua e de como esses sons se combinam para formar as palavras; a morfologia, que é o estudo das construções das palavras; a sintaxe, que é o estudo de como as palavras podem ser combinadas em sentenças; e a semântica, que é o estudo do significado das palavras e das sentenças. (CANÇADO, 2008 p. 15).

Conforme Cançado (2008, p. 16) a Semântica busca entender como o falante atribui significado à língua, nos mostra um exemplo:

(1) A gatinha da minha vizinha anda doente

No exemplo 1 temos uma sentença que nos remete à ambiguidade, que é quando a frase permite ao indivíduo fazer diferentes leituras, atribuindo diversos significados. Desse modo, não sabemos se o locutor está chamando a vizinha de gatinha e dizendo que ela está doente, ou se o locutor está dizendo que a gata, pertencente à categoria dos animais, está doente. É no entendimento da construção do significado que a Semântica se faz presente. Contudo, Cançado (2008) revela que o significado também está presente em “fatores extralinguísticos” como a entonação, a expressão facial e os gestos, são mecanismos que também proporcionam ao

indivíduo a interpretação, ou seja, podemos entender que o estudo do significado não é exclusividade da Semântica. Com isso, Cançado (2008, p. 19) observa que a Semântica “interage com outros sistemas, no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos”, sistemas que podemos chamar de extralinguísticos.

Neste estudo tratamos a Semântica sob a ótica cognitiva para compor o significado, ou seja, buscamos a Semântica Cognitiva na tentativa de entender como os alunos do 6º ano se apropriam do significado para interpretar e compreender textos. No entanto, temos outros tipos de Semântica que estudam o significado sob pontos de vistas diferentes, mas não serão aprofundadas neste trabalho. Desse modo, temos:

- A Semântica Formal que trata o significado com uma abordagem referencial, ou seja, trata um objeto no mundo como referência e a partir do objeto cria-se um significado que pode ser atribuído dois ou mais sentidos diferentes a depender do ponto de vista do observador em relação ao objeto no mundo;
- A Semântica Argumentativa, conforme Cançado (2008), está voltada para a Pragmática¹ centrada na interação entre os falantes;
- A Semântica Representacional que, seguindo os passos da Semântica Cognitiva, “é também um tipo de semântica mentalista, pois percebe a mente como uma representação da realidade, distanciando-se da Semântica Formal, baseada em inferências e condições de verdade” (CANÇADO, 2008 p.144);
- A Semântica Lexical, Cançado (2008, p.144) argumenta que faz parte de uma “estrutura argumental” que, organizada, favorece novas estruturas.

Enfim, poderíamos citar tantas outras semânticas que têm suas particularidades no estudo do significado.

Especificamente, apresentamos neste trabalho o estudo sobre a Semântica Cognitiva no âmbito educacional, considerando que a Semântica Cognitiva aborda a integração de conceitos construídos na mente, ou seja, o leitor, diante de uma palavra, organiza o significado desta em um contexto. Lenz (2013, p. 36-37) destaca que a Semântica Cognitiva “está preocupada com a natureza da mente, ou seja, com a

¹ “A pragmática estuda os usos situados da língua e lida com certos tipos de efeitos intencionais” (CANÇADO, 2008 p. 17)

forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado (conceitualização)”.

Para entendermos um pouco mais sobre a Semântica Cognitiva, podemos trazer as concepções de Antunes (2007), Lenz (2013), Corso e Salles (2009).

Uma das formas de se pensar a semântica está associado ao que produzimos na mente, a percepção sugere ligação com o cognitivo que está relacionado com a organização das ideias para se chegar a uma compreensão.

Podemos dizer que conhecimento de mundo é também parte de uma organização linguística que fazemos em nossa mente, porque não é somente os elementos linguísticos que irão auxiliar na interpretação, mas também a vivência, a experiência do aluno com o mundo, a “interação verbal” com outros alunos e com o professor, suas construções ideológicas, pensamentos, imaginações, diálogos, defesa de pontos de vista, enfim, aspectos que influenciam na atribuição de significado. Assim, ao depararmos com uma sentença, na qual é utilizada uma metáfora², interpretamos e compreendemos a sentença por conhecermos sobre metáfora e saber que a palavra foi colocada na sentença para trazer uma significação ao contexto. Em conformidade, Cançado (2008, p. 18) traz a ideia de que o objeto de estudo da Semântica possibilita a construção do significado de palavras isoladas no contexto. Essas percepções partem da constituição do conhecimento de mundo que é explicada a partir da visão da Semântica Cognitiva.

Lenz (2013 p. 35) identifica que a Semântica Cognitiva “também pode ser definida como uma área da Linguística Cognitiva que estuda os sistemas conceituais, significados e inferência”. A Semântica Cognitiva concentra-se na mente, ou seja, no modo como os conceitos são estruturados na mente para formar significados, então, isso quer dizer que a compreensão de um texto pode ser parte de uma organização mental, o qual explica a Semântica Cognitiva.

O ser humano possui a capacidade de identificar, classificar e nomear coisas, atribuindo-lhes significado, dessa forma, quando o leitor está diante de um texto, ele usa da autonomia e da capacidade cognitiva para compreender e interpretar. Podemos dizer que a Semântica Cognitiva está atribuída à “modelagem da mente humana”, ou seja, como o indivíduo representa os conceitos na mente.

² “Existem muitas explicações de como as metáforas funcionam, mas a ideia mais comum é que a metáfora é uma comparação, na qual há uma identificação de semelhanças e transferências dessas semelhanças de um conceito para o outro” (CANÇADO, 2008 p. 97).

Assim, Corso e Salles (2009) destacam o aspecto cognitivo para explicar o processo de leitura que, segundo elas, se constrói a partir do conhecimento do “léxico mental”, com isso, propõem que o leitor pode fazer combinações fonológicas, ortográficas, morfológicas e sintáticas, isso quer dizer que o leitor irá associar o significado da palavra ao conhecimento que ele possui para construir uma base de compreensão textual dentro de um contexto, sendo assim, o leitor possui “memória semântica” que é ativada quando é necessário buscar um significado. “O reconhecimento das palavras é condição necessária, mas não suficiente para compreender um texto” (CORSO e SALLES, 2009 p.29), é preciso fazer associações linguísticas e usá-las em um contexto. Apontam o fato de a leitura ser um processo psicolinguístico no qual as palavras são reconhecidas dentro de um contexto, com isso, quando o leitor não conhece o significado da palavra no texto, utiliza o contexto, visto que o leitor atribui diferentes sentidos a uma mesma palavra observando o contexto. Para entender como as crianças realizam e compreendem a leitura, as autoras fizeram uma pesquisa com alunos do 3º ano das séries iniciais de escola pública, testou com palavras isoladas do tipo dissílabas, polissílabas e pseudopalavras, de forma individual, em fichas, para avaliar a habilidade das crianças enquanto leitores e verificou-se que palavras isoladas não ajudam no entendimento do texto, no entanto, o conhecimento de tais palavras inseridas em um contexto ajuda na compreensão.

Conclui-se que saber o significado da palavra é importante, porém, o não conhecimento desta não impossibilita o entendimento do texto. Alguns leitores quando veem uma palavra desconhecida e não possuem no momento um dicionário para consultar darão sentido à palavra através do contexto no qual está inserida.

2.1 SEMÂNTICA NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO TEXTO

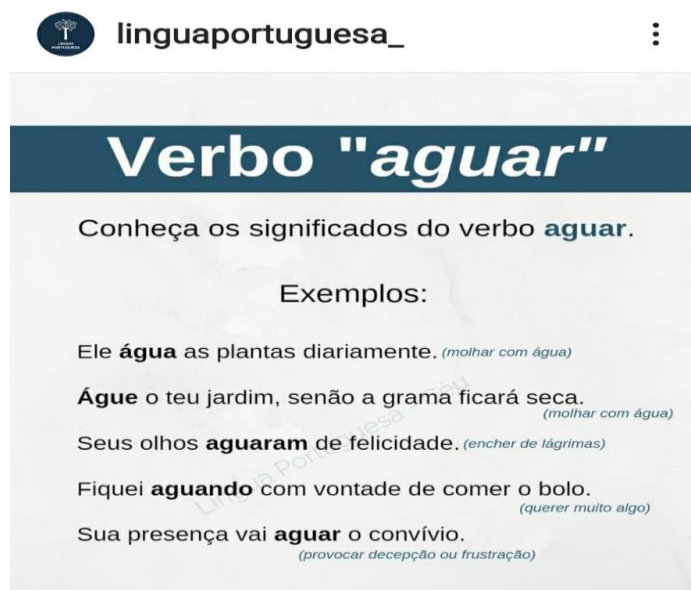
Sob o ponto de vista semântico, não devemos distanciar significado e sentido, visto que uma palavra tem significado e o leitor atribui sentido à palavra inserida em um contexto. Desse modo, trouxemos alguns autores: Azeredo (2018), Costas e Ferreira (2011), Oliveira (2012) e Pereira (2013) que discursam sobre o significado.

Oliveira (2012) considera que significado faz alusão a sentido, podemos relacionar significado e sentido analisando diferentes perspectivas. Costas e Ferreira (2011) apresentam o significado no âmbito filosófico, partindo dos estudos de

Vygotsky, como sendo um conceito oriundo do pensamento, no qual o significado de uma palavra surge da interação pensamento e fala, querendo dizer que através da linguagem e da comunicação, o indivíduo é capaz de enriquecer o vocabulário linguístico. Então, a palavra não se apresenta apenas no léxico, mas também na associação que o indivíduo faz com o mundo sociocultural.

Na figura 1, temos uma única palavra “*aguar*”, quando empregada na frase em diferentes contextos possibilita ao leitor inferir diversos sentidos. Em “seus olhos *aguaram* de felicidade”, relacionado à palavra *aguar*, quer dizer que os olhos encheram de água direcionando a lágrimas, diferentemente de “fiquei *aguando* com vontade de comer o bolo”, que também está ligando à palavra *aguar*, no entanto, está sendo utilizado para dar ênfase na frase, para dizer que está com muita vontade de algo.

Figura 1 - linguaportuguesa_



Fonte: https://www.instagram.com/linguaportuguesa_/?hl=pt-br (2021)

De acordo com Azeredo (2018), somos induzidos a atribuir sentido a tudo que nos envolve, cita como exemplo os símbolos, os desenhos, a natureza, ou seja, em tudo temos que interpretar o significado e compreender a informação contida em cada situação. Mas como construímos o significado? O autor fala que através de valores e conceitos que vivenciamos ao longo de nossa existência, como as placas de trânsito, por exemplo, que dão sentido e direção aos motoristas que, ao verem a placa, lembram do significado e constroem um sentido. O autor observa que o indivíduo

nasce com a capacidade de compreensão que é estimulada com o convívio social. Podemos dizer que o leitor recebe influência do meio social para fazer inferências, reconhecer metáforas, buscar o léxico mental, entender a intenção do autor.

Azeredo (2018) sugere que haja interação entre o leitor e o texto, essa interação pode se dar por meio dos mecanismos linguísticos, a saber: coesão, coerência, léxico, semântica, morfologia, entre outros, que contribuem na constituição do texto pois, desse jeito, não foge ao objetivo da leitura que é a interpretação e compreensão.

Pereira (2013, p. 34) evidencia a consciência textual como forma de entendimento sobre o texto, relata que o conhecimento da estrutura textual é um elemento importante que deve ser trabalhado pelo professor, são eles: consciência fonológica, sendo os sons e a sílaba na construção da palavra; consciência morfológica, que compõe a forma da palavra; consciência sintática, analisa a frase, estudo da oração, período, processos de construção e pontuação e consciência léxico-semântica, que aborda o léxico mental, significado e o sentido. “A consciência textual focaliza o texto em suas relações textuais internas e suas relações com o contexto” (PEREIRA, 2013 p. 34). Também se fazem presentes, na consciência textual, a coerência, que estabelece relação de sentido entre as ideias e a coesão lexical e gramatical, que liga os elementos gramaticais do texto.

Pereira (2013) faz relação também com o cognitivo, o qual traz na mente, enquanto conhecimento prévio, o reconhecimento da palavra, das frases, das orações, do conhecimento de mundo, do sentido para compor a compreensão textual. “Isso significa que a dificuldade de compreensão pode estar vinculada à ausência de esquemas cognitivos consistentes ou a dificuldades no uso de procedimentos para ativá-los” (PEREIRA, 2013 p. 36).

Em suma, para entender sobre as associações de sentido no texto, trouxemos o estudo do significado relacionado ao sentido. Entre outros aspectos que envolvem a interpretação e a compreensão, temos alguns dos elementos que contribuem, como a decodificação, a inferência, a intencionalidade, entre outros, bem como a relevância do estudo da Semântica Cognitiva, já que esta fala sobre a percepção no mundo, como o leitor concebe a palavra, atribuindo-lhe sentido.

2.2 INTERPRETAR E COMPREENDER O SENTIDO NO TEXTO

Muitos professores podem reconhecer a leitura considerando apenas estruturas

linguísticas. No entanto, deve existir também a interpretação e a compreensão, contextualizando todos os elementos linguísticos textuais no processo da leitura. É preciso reconhecer que, na leitura, existe uma interação entre leitor, autor e intenção do texto. A leitura pode e deve ser uma prática simples, entretanto, não se configura em apenas aprender o código linguístico, que é o sistema encarregado de estudar a fala, escrita, gestos e outros mecanismos de comunicação, ou seja, não se deve pensar que saber ler é juntar letras formando palavras e dessas palavras formar frases e dessas frases conceber a leitura de um texto.

Observamos as ideias de Lenz (2013) que verifica a organização linguística na fala. De acordo com Lenz (2013 p.31) “não pensamos a forma como falamos”, aceitamos conceitos gramaticais e linguísticos como verdades absolutas. Dessa forma, o ato de falar pode ser considerado como automático, repetimos o que ouvimos e nem sempre nos damos conta, nem analisamos o que falamos. A autora comenta que “as visões tradicionais” enxergam a linguagem e o pensamento como literal³ e que nos comunicamos porque utilizamos a linguagem literal. Contudo, a fala e a escrita podem se apresentar com sentido figurado, assim, “sempre fugimos das regras gramaticais”, ou seja, uma frase que deve ser falada de forma denotativa a transformamos em conotativa, pois usamos diariamente metáforas ou sentenças com sentido conotativo. Isso por que somos produtos do meio em que vivemos, tendemos a copiar a fala do outro e até a escrita do outro, fazemos inferência na fala e na escrita porque o interlocutor deduz o que queremos dizer, atribui sentido ao que falamos. Por isso a comunicação é uma forma de interação verbal, pois os falantes se entendem, ou pelo menos tentam se entender e se fazer entender. Portanto, a fala também é considerada um processo de interpretação e compreensão, pensando nisso, a semântica cognitiva não só pode abranger a leitura em textos escritos (objeto de estudo deste trabalho) em um contexto, mas também abrange o texto oral, porque quando falamos buscamos conectar as palavras e a conexão acontece por meio da estrutura linguística ordenada na mente.

Assim, podemos dizer que temos o gênero textual e o gênero oral, ambos com suas especificidades, pois falar é diferente de escrever, visto que verbalizamos tomando como suporte mecanismos sociais, culturais, ou seja, falamos de acordo com as convicções que assumimos como próprias e inerentes ao meio social, já a escrita

³É o sentido denotativo, sentido (do dicionário) da palavra que é compreendida.

é moldada social e culturalmente, dotada de regras e padrões que devemos seguir à risca, seja no ambiente escolar ou ambiente de trabalho. Com o texto falado podemos usar a língua espontaneamente sem nos “preocuparmos” com o uso “correto”, podemos falar como aprendemos em nossa região ou comunidade, a depender do contexto. Em uma reunião formal ou cerimônias mais formais há uma repreensão caso alguém fuja aos padrões estabelecidos para a Língua Portuguesa. O mesmo não ocorre no texto escrito que devemos seguir os padrões e regras da escrita, para situações mais formais, talvez essa possa ser uma das dificuldades de interpretação e compreensão na leitura de alguns textos que são formados sob uma linguagem totalmente literal que às vezes não corresponde à realidade do aluno. Todavia, às vezes vemos nas redes sociais uma escrita informal, com gírias, abreviações, entre outros.

Lenz (2013) observa que um dos conceitos que o falante e leitor possui é a habilidade de compreender metáforas, mesmo que esta não seja aprendida na escola, mesmo que o indivíduo nem saiba o que é metáfora, consegue compreender uma frase utilizada metaforicamente, pois convive com expressões metafóricas no dia a dia. A autora traz o exemplo de “tempo em termos de dinheiro” (LENZ, 2013 p. 32) (economize seu tempo; poupe meu tempo; vou separar parte do meu tempo), vemos que as frases recorrerem à metáfora que compara tempo a dinheiro. Talvez seja interessante observar que, muitas vezes, essas metáforas são tão usadas e cristalizadas, que os falantes não percebem que são metáforas, ou parecem não conseguir se referir a certos conceitos que não seja metaforicamente.

Diante desse cenário, os professores precisam avaliar a forma como os alunos interpretam e compreendem o texto falado e o escrito, visto que a fala é usada espontaneamente, tanto que às vezes percebemos que alguns alunos discursam com fluidez. No entanto, na hora de passar a compreensão no formato escrito, sentem dificuldades.

Veremos com Solé (1998), Leffa (2012) e Koch (2015) como se constituirá a interpretação e compreensão do texto. Faremos uma breve descrição do texto para em seguida falarmos sobre a leitura de textos.

Para Koch (2015 p. 14) “interpretar é descobrir a intenção do autor” e, ainda de acordo com Koch (2015 p. 17), “o texto é um produto lógico do pensamento”, então quando o aluno lê um texto, está tentando entender o propósito e o pensamento do autor.

Koch (2015, p. 9) diz que o texto é um “construto histórico e social”, desse modo, o texto revela pensamentos e ações passadas que compuseram as atitudes humanas na sociedade, bem como indica aspectos sociocognitivos que vão refletir a vida em sociedade. O homem vive no meio social e a partir dessa vivência adquire hábitos e experiências que agregam características momentâneas, contudo, é necessário registrar esses momentos sociais que vão construindo identidades ao longo do tempo. O registro é feito através da escrita que, por sua vez, é reforçada através da construção de um texto, seja ele explicativo, dissertativo, narrativo, entre outros.

Solé (1998) fala, em seu livro, que, ao iniciar a leitura na fase infantil, o leitor começa a reconhecer palavras ouvidas, então cria estratégias de leitura que estão relacionadas ao fato de tentar descobrir o significado da palavra que ouve. Ao reconhecer a palavra, está se utilizando a decodificação, para em seguida buscar o significado desta. Quando ouve uma palavra, o leitor iniciante, na fase da alfabetização, tenta descobrir a grafia, através do som, exemplo: “casa”, o leitor utiliza de código linguístico e poderá escrever “Kza”, mas a partir do conhecimento prévio da linguagem, agrega significado à palavra.

Dessa forma, não devemos olhar o código apenas como uma forma linguística de comunicação, existe a necessidade da interpretação e compreensão para que haja entendimento sobre o assunto abordado, do contrário, ocorrerá memorização de alguns trechos do texto, que é o que ocorre com a maior parte dos estudantes do 6º ano. Eles estão acostumados a fazer a interpretação do texto buscando a resposta pronta, ou seja, não procuram entender a ideia do texto, a intenção do autor, mas sim uma resposta que está explícita⁴, daí surge o problema, pois nem sempre a resposta está clara, em outras situações, surge uma pergunta de compreensão textual que faz o aluno analisar todo o contexto e obter uma resposta que está implícita⁵. Então, como o aluno não consegue interpretar, compreender e está acostumado a memorizar, a decodificar, este terá dificuldades, pois vai procurar a resposta no texto e não vai encontrar, justamente por ser compreendida de acordo com as ideias apresentadas no texto que nesse caso estão implícitas. Assim, podemos indicar que existe uma diferença entre interpretar e compreender.

Para Leffa (2012, p.253) interpretar e compreender não são a mesma coisa. A compreensão está na relação do aluno-leitor com o texto, que envolve contexto e

⁴ De maneira clara, sem deixar espaço para dúvidas

⁵ Subentendido, que não deixa claro, dando espaço a outras interpretações.

atribui sentido à leitura. Vamos considerar como “*contexto*” as experiências linguísticas, literárias, culturais que servem de bagagem para a compreensão da leitura. Com isso, pretendemos dizer que o aluno-leitor dá sentido ao texto através de sua vivência leitora, que lhe permite trazer à tona, no momento da leitura, os conhecimentos adquiridos durante sua vida escolar e convívio social.

Leffa (2012, p.255) fala que o ato de compreender não está sozinho, mas associado a quatro fatores que o favorecem:

1. **Decodificação** é o processo no qual o leitor traduz o código linguístico para seu próprio código de fala de modo a compreender, ele decodifica;
2. **Encaixe** é quando se junta as partes do texto para formar um todo, envolvendo a semântica, o léxico, concordância, sequência sintática;
3. **Experiência** é o que o leitor traz de conhecimento a respeito de algo. O aluno que não conhece nada sobre o assunto, não vai conseguir acompanhar nem compreender a leitura;
4. **Planejamento estratégico** que é saber o objetivo da leitura.

Para explicar a interpretação, Leffa (2012, p.260) expressa que, ao interpretar, o leitor tenta entender a ideia do texto que deve ser vista de forma clara e objetiva. Nesse sentido, ao fazer a interpretação, alunos e professor devem retirar do texto a ideia do autor. Assim, pode-se entender que, quando o professor passa uma atividade de *interpretação de texto*, a resposta esperada são as ideias que estão no texto, exatamente o que o autor quer dizer e não o pensamento do aluno com relação ao texto, não o que o aluno acha sobre o texto, mas sim o que está realmente escrito no texto.

Leffa (2012, p. 268) tenta estabelecer uma diferença entre compreender e interpretar dizendo que, “se o leitor construir a compreensão autonomamente, sem ajuda, será compreensão; se houver ajuda, temos interpretação”. Então, se o aluno ler o texto e trazer seus pontos de vistas a partir do conhecimento de mundo, a leitura é compreensão. No entanto, se houver interferência do professor no processo da leitura e este mostrar as ideias do texto, é interpretação.

De acordo com Koch (2015, p. 18), ao deparar-se com o texto, o leitor começa uma interação com este, traz consigo elementos sociais, culturais, linguísticos, vivências etc., que lhe permitem estabelecer conexão com o que está lendo, construindo sentidos. O leitor traz para a leitura conhecimentos prévios, busca conceitos internalizados para compreender o texto, na tentativa de enxergar o ponto

de vista do autor que geralmente está associado a contextos.

Assim, a leitura de um romance pode não trazer muita dificuldade na compreensão de seu sentido, visto que o leitor se coloca na história, imagina um contexto de acordo com as experiências vividas, criando dentro da própria realidade, apesar de ser ficção, consegue entender o que o autor está dizendo, pois vivencia cada ação da leitura e, por vezes, se torna o personagem principal sem ser. Já em textos mais complexos, como os científicos, o leitor sente maior dificuldade em imputar sentido porque precisa conhecer previamente sobre o assunto, no caso de termos técnicos-científicos. Souza (2016) chama de parábola a ação de projetar histórias à própria vida, diz que:

Ao lermos uma história (em que não somos personagens) e nos encaixarmos nela, estamos projetando nessa história e criando outra em que somos os personagens – isso é a parábola. A história-alvo, então, é aquela que será compreendida a partir da história de origem, que é contada. (SOUZA, 2016 p.144)

Diante da perspectiva de contexto, podemos dizer que um arquiteto, um vendedor de roupas, um jornalista, um estudante, uma dona de casa, acrescentam sentidos diferentes à leitura, visto que apresentam diversidade de saberes, independentemente de ser o mesmo texto possuem visões diferentes acerca do mundo, então analisam distintamente partindo do que sabem.

Mas e em sala de aula? Como o professor pode lidar com as diferentes interpretações de seus alunos? Estes, a princípio, são estudantes, estão em igual categoria de estudantes, no entanto, ambos trazem diferentes visões de mundo devido às diferentes experiências sociais, culturais e econômicas. Terão visões diferentes da leitura de mundo e o que o professor pode fazer é orientar essa leitura, ser mediador e levar os estudantes à mesma construção de sentidos, mas é claro que, ainda assim, haverá diferenças nas argumentações. Contudo, o professor pode utilizar as palavras-chave do texto, pode pedir aos alunos para buscarem o significado das palavras e construir contextos diferentes com a mesma palavra para, assim, identificar as possíveis divergências na construção do sentido e mediar o que se pretende alcançar na leitura do texto. Koch (2015, p. 26) diz que temos o “contexto sociocognitivo”, no qual duas ou mais pessoas podem ter uma compreensão cognitiva semelhante. Em suma, partindo dos aspectos de leitura citados, o leitor faz uso da cognição para buscar na mente a compreensão e construção de sentido.

3 ELEMENTOS RELEVANTES PARA INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS

Na leitura somos capazes de fazer previsão, quando lemos, temos o hábito de criar hipóteses, ou seja, especular sobre o que o texto quer dizer antes mesmo de terminar a leitura, então, como já presumimos o que o texto quer dizer, criamos na mente uma compreensão que pode ou não estar de acordo com a interpretação que deve ser feita, essa seja talvez a dificuldade que um aluno do sexto ano tem para compreender e interpretar um texto. O aluno recém-chegado para o Ensino Fundamental II 6º ano, não consegue fazer uma distinção entre compreender e interpretar, podem não entender que compreender reflete um conhecimento de mundo e que suas experiências de leitura ajudam a construir um sentido relacionado à ideia do autor. Esse aluno não entende que, ao interpretar, precisa trazer fielmente a ideia do autor, então, o que o aluno faz é especular sobre a leitura, talvez porque ele não tem conhecimento sobre a informação que o texto traz. Como para o aluno é uma informação nova, não vai conseguir compreender, mas vai extrair uma nova informação desse texto.

O contato social que compartilha vários saberes, faz parte da construção leitora do indivíduo, visto que acrescenta conhecimento de mundo e percepção, enriquecendo o vocabulário mental. Assim, podemos relacionar percepção à *inferência* como um elemento do texto que proporciona ao leitor deduzir as ideias do autor; a *intencionalidade*, que proporciona investigar através de uma lógica dedutiva a intenção do autor e a *metáfora*, que faz comparações das ideias do autor com conhecimento de mundo.

Existem vários elementos que compõem o processo de leitura do texto e, contudo, interferem no processo de leitura, no entanto, neste trabalho apresentamos os considerados mais relevantes por nós, que são a *inferência*, a *intencionalidade* e a *metáfora*.

3.1 INFERÊNCIA

O texto é constituído de elementos linguísticos, sabemos deste conceito por que aprendemos na escola, então, o leitor busca na mente o conhecimento linguístico para entender as informações que estão implícitas e para discorrer sobre as informações

implícitas trouxemos a inferência. Uma característica da inferência é ligar “proposições contidas no texto à proposição construída pelo leitor a partir de um conhecimento prévio” (SANTOS, 2008 p. 65). chamamos de *proposição do autor* as questões que sustentam a ideia e, *proposição do leitor* as questões que interrogam a intenção do autor para se chegar a uma conclusão e formação de sentido, assim, o autor quer finalizar sobre a defesa de uma convicção e o leitor conclui a ideia trazendo proposições ao texto.

Inferência é o resultado de uma estratégia cognitiva cujo produto final é a obtenção de uma informação que não está totalmente explícita no texto. Ou seja, inferir não é mais do que fazer emergir informação adicional a partir daquela que é disponibilizada ao leitor através do texto base. Portanto inferir é suplementar informação não verbalizada no texto. (SANTOS, 2008 p. 65)

Santos (2008, p.24) traz o conceito de inferência como forma de identificar no texto elementos cognitivos, como: o pensamento, a linguagem, memória, o raciocínio, entre outros, para a construção da compreensão do texto. Expõe também que o leitor, à medida que *inference*, atribui informações ao texto, deduz a intenção e as ideias do autor, traz informações implícitas. Então, conseguimos concluir que a inferência é uma característica importante no processo de leitura, é uma das peças-chave para a compreensão do texto, visto que, ao inferir, o leitor tenta concluir o pensamento do autor, tenta estabelecer conexão com o autor para daí tirar suas próprias conclusões a respeito da leitura. A autora acrescenta que a inferência está relacionada a conhecimento prévio, já que o leitor depreende elementos do texto que são extraídos de sua experiência com o mundo e dos conhecimentos adquiridos neste para deduzir o que não está totalmente explícito no texto.

Santos (2008, p.14) comenta que a leitura é uma atividade cognitiva que revela percepção, atenção, memória, raciocínio, intuição, imaginação e estratégias de ação. Acrescenta que a *percepção* é um fator muito importante na compreensão da leitura, visto que, através da percepção, o aluno fará uma representação mental da leitura, fazendo uso de elementos gramaticais, linguísticos e conhecimento de mundo para organizar as ideias na mente. A autora fala que não menos importante que a percepção, está a *atenção*, pois de nada adianta tanto esforço se o aluno não estiver com a atenção voltada para a leitura, se estiver disperso, apenas verá palavras e frases.

Solé (1998, p. 34) observa que, na leitura, o aluno deve ser capaz de ler de forma

autônoma, estabelecer inferências, conjecturas, reler o texto e saber exatamente o que vai perguntar ao professor, dessa forma vem as questões de proposições e que possa exprimir suas opiniões sobre o que leu. Uma atividade vista em livros didáticos que é caracterizada na escola como uma estratégia de compreensão é atividade de leitura, pergunta e resposta, ou seja, o aluno lê o texto e, em seguida, o professor faz perguntas e os alunos respondem conforme o entendimento.

3.2 INTENCIONALIDADE

Azeredo (2018) traz uma observação sobre o diálogo entre interlocutores: às vezes um locutor fala uma coisa com uma intenção e o interlocutor dá outro sentido àquela intenção do locutor. A mesma coisa acontece no texto, o autor escreve suas ideias e, muitas vezes, o leitor, no nosso caso específico, *o aluno*, entende de outro jeito, não percebe a intenção do autor, há um atrito de ideias em que não ocorre interação entre texto e leitor, o aluno não consegue perceber a intenção do autor, aí já cabe ao professor interferir nesse processo. Por outro lado, pode haver imaginação na leitura de um texto, assim, o aluno traz suposições em relação a leitura, acredita entender o que lê a partir de situações rotineiras, conhecidas, fazendo relação com a leitura, agregando sentido ao que lê.

3.3 METÁFORA

Segundo Souza (2016), a metáfora faz analogias entre ideias e traz um exemplo: “**Essa menina é uma flor**, para querer significar que a menina e a flor compartilham algumas características, como por exemplo, o perfume e a beleza” (SOUZA, 2016 p. 137), assim, a metáfora faz comparações, ou seja, a flor é cheirosa e bonita, quando fala que a menina é uma flor está querendo dizer que a menina é cheirosa e bonita como uma flor. A autora sugere que a metáfora corresponde a um domínio alvo e um domínio fonte, no qual o domínio fonte é algo mais concreto que vai atribuir as características ao domínio alvo, que é algo menos concreto, como é o caso da *flor* e *menina*, a *flor* seria o que é chamado de domínio fonte enquanto a *menina* é o domínio alvo. Souza (2016) traz o conceito de *blend* para explicar a metáfora que, segundo Turner (2014, p. 6 apud Souza 2016, p. 138), “é um novo espaço mental que contém alguns elementos de diferentes espaços mentais (os espaços de entrada) numa teia

mental, mas que desenvolve o seu significado próprio”.

Trazendo a metáfora para a leitura de textos, podemos entender que o leitor, ao se deparar com uma frase na qual contenha metáfora, faz comparações do domínio fonte com o domínio alvo e estabelece um novo significado na frase. Desse modo, nos faz pensar que a metáfora é utilizada na construção do texto para auxiliar na compreensão, pois nos permite fazer outras associações à palavra que está sendo empregada no contexto. Porém, quando não temos o entendimento do domínio fonte fica difícil fazer a associação, contudo não é impossível compreender o sentido no contexto, visto que temos uma semântica cognitiva que nos permite fazer uma leitura a partir do conhecimento de mundo.

Souza (2016) analisa a metáfora sob o ponto de vista da cognição. O indivíduo consegue compreender uma frase que contenha metáfora aproveitando o que conhece do convívio social e cultural. Acrescenta que não se faz necessário possuir “escolarização” devido à convivência e à integração com o meio social. O indivíduo, mesmo sem ter ido à escola, é capaz de compreender uma frase metafórica. O exemplo a seguir nos mostra o pensamento da autora.

Na figura 2 temos um exemplo clássico de metáfora e que faz parte do cenário popular, pois todos sabemos, a partir de um contexto cultural que nos ampara, o que é miolo de pão, até uma criança que ainda não foi para a escola aprendeu o que é miolo de pão no convívio familiar, bem como no convívio familiar ou social, aprende fazer associação do cérebro com miolo. Assim, podemos compreender que a figura 2 quer dizer que quem assiste ao BBB⁶ possui menos massa encefálica, que aqui está associada a miolo, do que o pão, ou seja, quem assiste ao BBB não possui discernimento, raciocínio.

⁶ Big Brother Brasil. Reality show apresentado pela rede Globo de televisão.

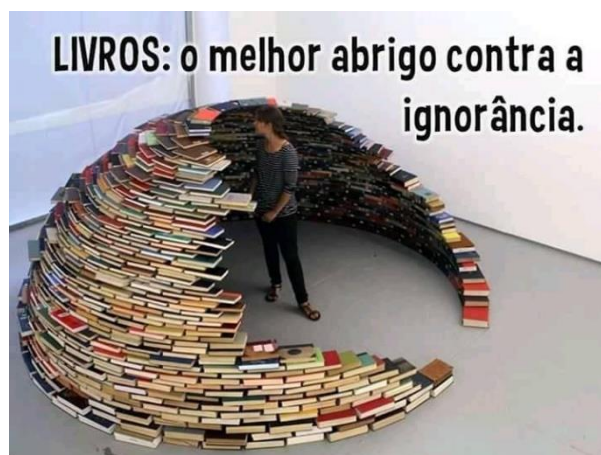
Figura 2 - Sábias Palavras Para Reflexão



Fonte: <https://www.facebook.com/sabias-Palavras-Para-Reflexao>

Na figura 3 temos uma associação metafórica e, retomando o conceito de Souza (2016), temos o domínio fonte que é o *livro* e domínio alvo que é a *casa*. Podemos observar que se faz comparação entre o *livro* e a *casa*, dizendo que o *livro* oferece informações, conhecimentos que servem para ajudar o homem a evoluir, garantindo-lhe conforto e bem-estar, que é a função de um abrigo.

Figura 3 - Sábias Palavras Para Reflexão



Fonte: <https://www.facebook.com/sabias-Palavras-Para-Reflexao>

Cabe salientar que existem outros mecanismos que nos levam a interpretar e compreender um texto. No entanto, neste trabalho foram evidenciados os aspectos relevantes à construção do significado e aquisição de sentidos no texto.

4 APLICAÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA LEITURA DE TEXTOS

Neste capítulo, focamos na repercussão que causa a transição do aluno do ensino fundamental I para o ensino fundamental II principalmente aluno do 5º ano que vai para o 6º ano. No entanto, não discutimos as várias disciplinas e professores diferentes que esse aluno adquire, mas procuramos investigar sob o estudo da Língua Portuguesa em conformidade com a Semântica Cognitiva, atrelados a leitura, interpretação e compreensão de textos dos alunos oriundos da transição já citada.

O aluno do 5º ano está acostumado a ter apenas um professor desenvolvendo todas as disciplinas. Habitou-se, desde o ensino infantil, a um formato de aprendizagem que apresenta os conteúdos de forma simplificada. Nesse momento, o aluno é mais dependente do professor que procura um método de ensino mais adequado ao contexto do aluno. Já no 6º ano a realidade na aprendizagem se torna mais específica, para cada disciplina um professor diferente, alguns educadores não compreendem que a transição na fase escolar pode gerar conflitos de identidade, comunicação, aprendizagem. Muitos alunos se transferem para uma nova escola, com novos colegas e professores, novo ambiente físico, ou seja, tudo é novo para o aluno, então a transição vai pesar em muitos aspectos sociocognitivos do estudante. Os professores de cada disciplina do 6º ano possuem metodologias diferentes de ensino, o que não ocorria no 5º ano, visto que era o mesmo professor em todas as disciplinas, então a metodologia era a mesma só mudava o conteúdo.

A transição do 5º ano ensino fundamental I para o 6º ano ensino fundamental II pode gerar incertezas no aluno, principalmente no quesito leitura, interpretação e compreensão de textos. O processo de leitura no 5º ano é mediado pelo professor com questões simples e às vezes com respostas prontas. O aluno não entende o objetivo da leitura, bem como do professor. Em função disso, ao chegar no 6º ano e precisar fazer a leitura com texto mais complexo, sente dificuldade, pois em muitos casos a leitura não será mediada pelo professor. O aluno terá que buscar mecanismos próprios de interpretação e compreensão, no entanto, muitos não desenvolveram tais mecanismos na fase do 5º ano, não tem ajuda da professora, alguns tímidos não compartilham de suas inquietações com colegas, desse modo a leitura vai cabendo em espaço pequeno na vida do aluno até não fazer sentido, a ponto de o aluno sofrer quando o professor do 6º ano passa uma atividade de leitura.

Alguns alunos, quando chegam ao 6º ano, sentem dificuldades em entender as ideias do autor e verbalizar o que compreendeu com a leitura, poderíamos destacar inúmeros fatores que contribuem para o comportamento do aluno. Os pais podem achar que o filho(a) precisa de um acompanhamento médico, alguns professores podem achar que é falta de interesse do aluno, entre outros fatores. Porém o que podemos observar é que alguns alunos, ao passarem pela transição escolar, sentem-se inseguros em relação ao novo professor, aos novos colegas, às novas metodologias de ensino, ao novo ambiente e ao espaço. Então, fazer uma leitura mais complexa com os alunos que estavam acostumados a uma leitura mais simples, pode ser um dos motivos que dificultam a interpretação e compreensão leitora e cabe ao professor, enquanto mediador, fazer uma triagem e identificar os possíveis entraves dos alunos. Uma observação que pode ser feita de imediato é saber como os alunos conceituam as palavras, qual a função das palavras para eles no texto, como eles atribuem significados às palavras, essas observações podem contribuir para o professor saber o que seu aluno precisa para desenvolver a leitura de textos.

A partir do panorama descrito sobre a transição do 5º ano para o 6º ano e as dificuldades apresentadas, percebemos como a semântica pode contribuir na pedagogia do professor, tendo em vista que o objeto da semântica é o significado que, por sua vez, pode atribuir sentido em um contexto inserido pelo autor e desenvolvido pelo leitor, o aluno em transição, de posse do conhecimento semântico e auxiliado pelo professor, conseguirá perceber que possuímos um léxico mental. Corso e Salles (2009), Lenz (2013) e Solé (1998) nos mostram como é possível a Semântica contribuir com os alunos do 6º ano na dificuldade de leitura.

Nesse contexto, como já mostrado neste trabalho, Lenz (2013) apresenta a semântica cognitiva, retrata os conceitos, significados e inferências no texto, então, o aluno, diante de uma palavra desconhecida, poderá consultar seus conceitos prévios e atribuir significado à palavra, organizando na mente as palavras correlacionadas, dando sentido à leitura.

Corso e Salles (2009) expressam que o cognitivo está atrelado ao léxico mental, com isso, afirmam que o estudante-leitor pode buscar os vocábulos que dispõe na memória e, ainda, que o leitor possui uma memória semântica que é ativada quando buscada, contudo, deve estar aliado às informações linguísticas e conhecimento de mundo para que haja compreensão do texto.

Partindo das informações deste estudo, podemos nos questionar como o

professor pode utilizar a semântica cognitiva a seu favor, como utilizá-la na prática da interpretação e compreensão da leitura de textos. Daí surgem as estratégias que são formas de estruturar ou organizar as ideias e metodologias no desenvolvimento de atividades pedagógicas. Sendo assim, Solé (1998) considera *estratégias* como sendo técnicas e métodos elaborados para se atingir um objetivo que, nesse caso, é a interpretação e compreensão de textos. Para alcançar o objetivo, faz-se necessário um plano de metas, o qual é definido passo a passo para realização de uma tarefa.

Apresentamos, baseados no conceito de estratégias de Solé, exemplos de atividades ou metodologia de ensino para a prática da leitura:

1º o professor entrega um texto aos estudantes, este possui palavras que necessitam de consulta ao dicionário, porém, no primeiro momento, o professor não entrega o dicionário, tal proposta serve para que se observe como se comportam diante da dificuldade encontrada, como eles conseguem se relacionar com a palavra desconhecida, se conseguem ou não interpretar e compreender o texto, nesse momento o professor avalia o comportamento dos estudantes. Em seguida, distribui o dicionário pede que eles encontrem os significados das palavras desconhecidas e avalie como eles se comportam diante do novo cenário, se eles compreendem melhor o texto.

2º construção de sentidos a partir do embaralhamento de parágrafos de um texto. Tem-se um texto, o professor corta esse texto em parágrafos, em seguida embaralha e entrega a seus alunos para que eles construam um texto a partir dos parágrafos embaralhados. O objetivo é fazer com que os alunos encontrem semanticamente o significado do texto, para tal, eles terão que interpretar e compreender, contextualizando e observando o sentido da ordenação dos parágrafos. Esta atividade foi aplicada neste estudo.

3º leitura compartilhada. O professor entrega um texto aos alunos, eles vão ler individualmente. Em seguida, compartilhar entre os colegas e o professor a compreensão do que foi lido. O professor por sua vez, media a leitura interferindo quando for necessário, levando os alunos à interpretação do texto.

4º oferecer ao estudante textos que condizem com a realidade atual, pode trazer

textos que informem assuntos de um passado distante, é fundamental conhecer o passado para entender o presente e visionar o futuro. No entanto, deve-se trabalhar com textos que estimulem a curiosidade e o interesse dos estudantes, pode dispor de textos que abordem assuntos da história passada com uma linguagem mais acessível, clara e objetiva. Assim, o estudante não se sentirá fadigado ao ler e não pensará na leitura como um martírio.

Após a apresentação de algumas estratégias, podemos entender o posicionamento de Solé (1998) quando diz que: "O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções" (SOLÉ, 1998 p. 70). Diante do exposto, as estratégias organizam métodos que irão orientar na execução das atividades do professor. Vale salientar que as estratégias descritas neste estudo são apenas sugestões que podem ser aplicadas na mediação da leitura.

4.1 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA LEITURA, INTERPRETAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DIDÁTICOS.

Neste capítulo avaliamos procedimentos que podem contribuir na mediação pedagógica de textos didáticos. Em muitas escolas do passado, o ensino consistia em um modelo tradicional, no qual o professor era o único detentor do conhecimento. Assim, aluno não opinava, não expressava seus conhecimentos e indagações, o sucesso do ensino e a aprendizagem dependiam da atuação do professor. Desse modo, o ensino de língua portuguesa baseava-se na análise gramatical de palavras e frases soltas. O professor utilizava palavras soltas e fazia uma análise utilizando a classe gramatical, o mesmo ocorria com frases soltas, fazendo a análise sintática da frase. Assim, o modelo tradicional de ensino é recorrente em muitas escolas no contexto atual, ainda vemos professores separando frases, analisando gramaticalmente como se os alunos fossem máquinas a ser inserido o conteúdo e não discutido. Algumas escolas não levam em consideração a importância de desenvolver o conhecimento cognitivo do aluno.

A leitura de texto, nas escolas tradicionais, acontecia esporadicamente e, quando acontecia, não se explorava a compreensão do texto. As atividades consistiam na resposta de um questionário do livro didático, ou seja, o professor lia

junto com os alunos o texto do livro e em seguida pedia para os alunos responderem as questões que estavam relacionadas ao texto. A atividade consistia em “interpretar o texto”, nas questões, os alunos observavam uma palavra e procuravam a mesma palavra no texto e obtinham a resposta. A atividade não estimulava o raciocínio crítico do aluno, levando este a ter uma interpretação que abordasse as ideias do autor, nem agregava conhecimento estimulando o aluno à compreensão. Não havia orientação para a leitura nem interação do leitor com o texto. Voltamos a repetir que tais comportamentos é visto em algumas escolas e com alguns professores.

Entretanto, não devemos defender a ideia de que o estudo das classes gramaticais e estruturas linguísticas não são importantes ou que não devem ser estudadas. A defesa refere-se a um ensino que consiste na abrangência geral dos elementos textuais que servem para compor a leitura, interpretação e compreensão dos textos, formando alunos críticos reflexivos e conscientes da realidade que os cercam.

De acordo com as questões abordadas anteriormente sobre leitura, interpretação e compreensão, podemos pensar que o professor deve esperar que o aluno seja capaz de interpretar e compreender o que está sendo lido, seja qual for o gênero textual: romance, conto, cartas, bilhetes, etc., bem como, imagens, símbolos. Contudo, é preciso estabelecer objetivos para a leitura, o que o professor espera do aluno, qual aprendizado o aluno deve tirar daquela leitura, quais as críticas pertinentes à leitura. Se a intenção é que o aluno fale exatamente o que estava no texto, que diga claramente a ideia do autor, ocorre uma interpretação, mas se pretende que o aluno traga a sua vivência de mundo, suas experiências, relacionando com a leitura do texto, ocorre a compreensão. Contudo, é possível que haja os dois, interpretação e compreensão, então o aluno vai dizer a ideia do autor relacionando-a com a construção de suas próprias ideias.

Mas aí surge um problema, digamos que diante da leitura o aluno não tem experiência para contextualizar com o texto, então ele não vai compreender e só vai interpretar? ou, mesmo tendo conhecimento prévio, o aluno não consegue fazer a relação do texto com o que já sabe, como resolver o problema? Para analisar estas perguntas, façamos uma leitura à teoria de Solé (1998).

Solé (1998) identifica a leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto, no qual o leitor tem um objetivo, ou seja, está em busca de algo, seja uma resposta para uma pergunta de um professor, seja para um entretenimento, seja em

busca de alguma informação, entre outros aspectos. Solé (1998) dá a entender que, para a interpretação do texto, deve-se definir um objetivo, pois é o objetivo que vai delimitar a informação a ser buscada no texto, quer dizer que: se dois leitores estão com o mesmo texto, mas com finalidades diferentes, as interpretações serão diferentes.

Outro fator importante a ser considerado na compreensão da Leitura é a motivação, pois, mesmo que o aluno tenha habilidade de compreensão é importante que haja uma manifestação de estímulo ou interesse. Exemplo de motivação: um aluno que é apaixonado por futebol e se depara com um texto falando sobre esportes vai ter um interesse a mais pela leitura, porque a informação traz assuntos que ele gosta, que o atrai, que é o futebol, no entanto, é um problema, pois nem todos os alunos vão se interessar por futebol, o professor vai encontrar diversos interesses de leitura por parte dos alunos em sala de aula, então o professor precisa esquematizar uma estratégia que motive a todos os alunos no geral. A não ser que a leitura seja direcionada à biblioteca, como leitura livre, aí sim o aluno poderá escolher o texto que chama atenção, texto que é do interesse dele. Assim, o mediador pode formar grupos com alunos que possuem interesses de leituras semelhantes, pedir que escolham algo na biblioteca, leiam o conteúdo e discutam o que foi lido.

Em vista disso, o professor pode pedir aos alunos que façam uma primeira leitura tentando identificar as possíveis dificuldades, como: palavras com significados desconhecidos e palavras-chave do texto. A partir daí, o professor deve utilizar métodos que podem ser:

- Primeiro estabelecer, junto com os alunos, objetivos na leitura do texto escolhido.
 - Identificar a ideia central do texto;
- Estabelecer metas para alcançar a interpretação e compreensão.
 - Professor e aluno podem fazer a seguinte pergunta: O que pretendemos com a leitura do texto?
 - Quais as informações que queremos extrair do texto?
 - O que podemos perceber como ideias centrais encontradas no texto e por que são consideradas como ideias centrais?
- Leitura em conjunto: alunos e professores leem juntos e discutem sobre os pontos específicos do texto.

- A leitura está prazerosa?
- O que conseguiram compreender de uma forma geral?
- Relação semântica: estabelecer com os alunos palavras importantes no texto e buscar o significado relacionado ao sentido deste.
 - Ao encontrar uma metáfora, explorar com os alunos o significado da palavra e o sentido que está sendo expresso no texto.
- Perguntas elaboradas pelo leitor: buscará na leitura do texto indagações que serão respondidas pelo próprio leitor.
 - Aplicar para os alunos a seguinte atividade: se vocês pudessem fazer perguntas ao autor a respeito da leitura que fizeram, quais perguntas fariam?
 - Nesse momento todos os alunos têm direito a fazer três perguntas ao autor do texto.

Com isso, o professor mediador pode adequar a leitura ao nível, à faixa etária e aos interesses dos alunos, possibilitando melhor interação com o ato de ler. As estratégias apresentadas podem facilitar o trabalho docente e permitir o desenvolvimento da leitura na ação pedagógica.

5 INVESTIGAÇÃO DOS DADOS

Este estudo propõe analisar sobre a problemática da interpretação e compreensão de textos para estudantes do 6º ano fundamental II como a Semântica pode contribuir. Apresentamos a Semântica Cognitiva como parte da Semântica que oferece suporte cognitivo na aquisição, compreensão e uso do conhecimento.

Dessa forma, para fortalecer o entendimento sobre a escolha da semântica cognitiva no contexto educacional foram realizadas atividades com alunos do 6º ano do ensino fundamental II de uma escola particular. Foram aplicadas duas atividades aos alunos que consistiam de um pequeno texto embaralhado e uma entrevista contendo 10 perguntas para verificação dos dados. A intenção das atividades foi perceber o comportamento dos alunos em relação à leitura de textos, se conseguiam entender o significado e atribuir sentido à palavra, se interpretavam as ideias do autor, bem como, se utilizavam os conceitos prévios⁷ para a compreensão do texto.

O método da investigação visa comentar as respostas dos alunos e refletir como era construído o significado e atribuído sentido na atividade de leitura.

O tema deste trabalho de TCC foi pensado com o intuito de investigar a relação dos alunos do 6º ano com os textos e como a Semântica Cognitiva pode ser utilizada na condução de processos de leitura, interpretação e compreensão de textos. Assim, na seção 5.1 discorreremos sobre os procedimentos, a forma como foi realizada a pesquisa e apresentamos os participantes. Na seção 5.2 apresentamos a atividade da entrevista trazendo algumas respostas dos alunos e a impressão cognitiva. Na seção 5.3 apresentamos a atividade com texto embaralhado, como foi pensada e como realmente aconteceu a aplicação da atividade. Por fim, na seção 5.4 discutimos a organização das questões aplicadas à professora e suas respectivas respostas com análise das respostas voltadas ao estudo feito neste trabalho.

5.1 PROCEDIMENTOS

A escola participante para adoção das atividades foi a Escola José Nery de Mesquita, localizada em: Praça da Purificação, 22 – Centro Santo Amaro Bahia, é uma escola da rede privada de ensino do Município. Foram aplicadas as atividades a 14

⁷ Conceitos prévios - no sentido de utilizar o que já possui de conhecimento linguístico, gramatical.

alunos do 6º ano fundamental II, com idade entre 11, 12 e 13 anos, sendo 8 meninas e 6 meninos. Entretanto, a sala tinha 38 alunos, sendo 19 meninos e 19 meninas, porém, apenas 14 se disponibilizaram a participar das atividades.

A princípio a pesquisa foi planejada para ser realizada presencialmente, entramos em contato com a escola para pedir autorização, apresentamos a proposta da pesquisa, procuramos saber quem era o professor de Língua Portuguesa da Instituição, a faixa etária da turma do 6º ano, o turno de aulas, para a partir daí construir o cenário da pesquisa. Com as atividades formuladas, estávamos prontas para fazer a aplicação presencial, quando em meados do mês de março de 2020 a escola entrou em contato para informar que recebeu um decreto da prefeitura e deveria suspender as atividades presenciais até segunda ordem, por causa da pandemia do novo coronavírus. A partir daí ficamos sem dar seguimento à pesquisa, contudo, quando soubemos que a escola estava atuando com aulas remotas, entramos novamente em contato com a coordenação da escola e estudamos a possibilidade de serem aplicadas as atividades aos alunos do 6º ano de forma remota. A coordenadora e a professora aceitaram colaborar com a pesquisa e assim demos continuidade a partir do mês de outubro de 2020.

A Coordenadora entrou em contato com a professora da turma pedindo colaboração como mediadora das atividades, posteriormente, solicitou-se através do whatsapp autorização aos pais dos alunos (termo de consentimento livre). Todos concordaram em autorizar que seus filhos respondessem as atividades. Toda comunicação foi feita através do whatsapp.

Dessa forma, as atividades aplicadas aos estudantes não foram presenciais por causa da covid 19. Assim, as atividades foram aplicadas pela professora que ministrava aulas através da plataforma digital de educação e enviava as atividades através de e-mail a seus alunos. A professora explicava na aula online, como deveriam ser feitas ambas as atividades, os alunos respondiam e retornavam aos poucos com as respostas, a professora esperava juntar todas as atividades e devolvia através do e-mail.

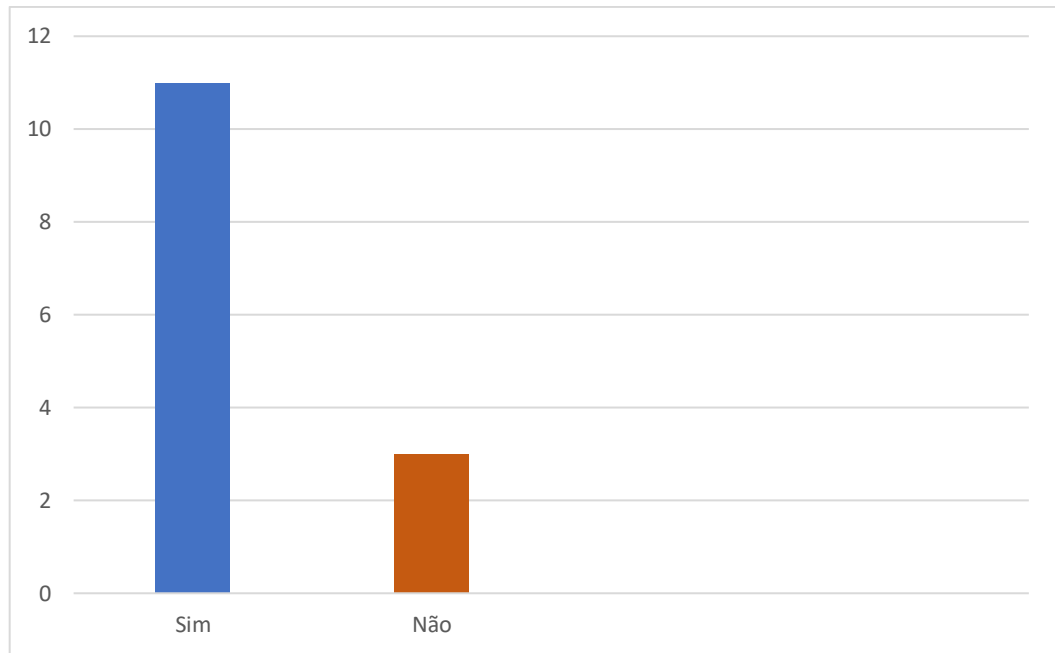
Algumas dificuldades foram observadas na aplicação das atividades a distância: a primeira foi não poder ver de perto a reação do aluno em relação às perguntas, pois os gestos falam muitas coisas, então, se fosse uma entrevista presencial, quando os alunos articulassem gestos, poderíamos perceber a real dificuldade na expressão facial e corporal do aluno, poderia ser feita, na entrevista, uma interpretação

observando o aspecto extralinguístico. A segunda diz respeito a condução das atividades, ou seja, presencialmente poderíamos formular uma pergunta que não estivesse programada, a partir das respostas dos entrevistados, bem como a atividade do texto embaralhado que poderia ser melhor analisada se estivéssemos presencialmente, fazendo com que a experiência ficasse enriquecedora, permitindo aprofundar a análise dos dados.

A professora da turma também participou da atividade, porém respondendo a questões pertencentes ao campo de atuação pedagógica. Estão inseridas neste trabalho as atividades realizadas pelos alunos, bem como, pela professora da turma.

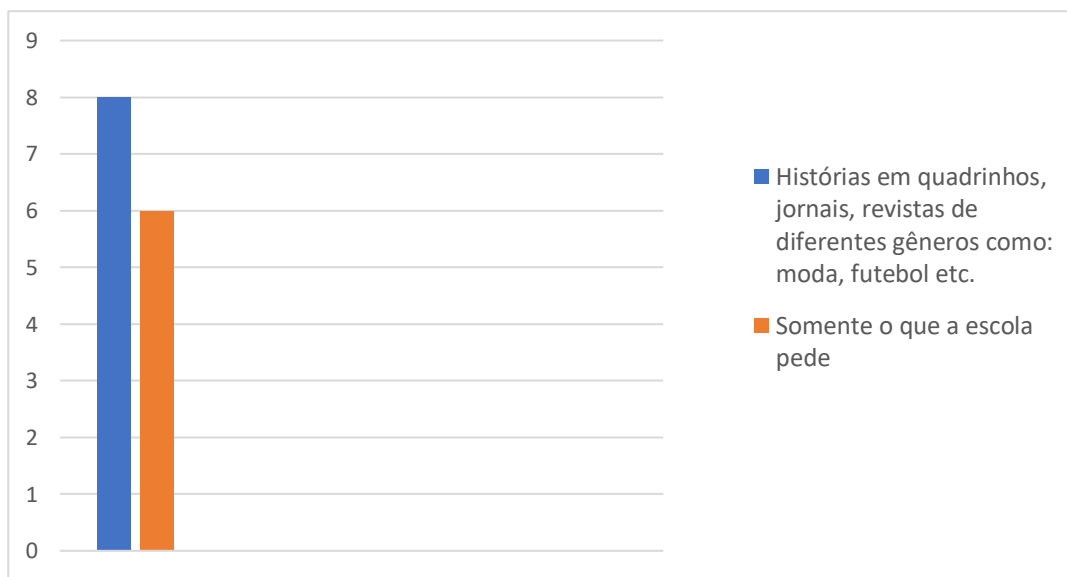
5.2 ATIVIDADE DE ENTREVISTA AOS ALUNOS

As respostas de algumas perguntas feitas aos alunos, que apresentamos neste trabalho estão demonstradas através de gráficos. Fez-se um estudo de caso e escolhemos quatro perguntas para serem representadas no gráfico, dentre as dez feitas aos alunos. O objetivo do questionário era saber os pontos de vistas dos alunos sobre leitura de texto, as perguntas foram subjetivas, as respostas de cada aluno com um entendimento, porém as opiniões se assemelhavam, então, para não ficar um gráfico com todas as 14 respostas, comparamos as respostas dos alunos e formulamos duas opções de respostas, aproximando os resultados em cada gráfico. Exemplo: no gráfico 3 foi feita a pergunta aos alunos, “Na sua opinião, o que é entender a leitura de um texto?” tivemos diferentes respostas, desse modo, elaboramos como resposta aproximada: “entender a ideia do autor” e “entender a ideia do autor e compreender, explicando com as próprias palavras”, a partir das respostas deles.

Gráfico 1 - Pergunta: Você gosta de ler?

Fonte: Autora

No gráfico 1, percebe-se que dos 14 alunos, 11 gostam de ler e 3 não, ou seja, fator importante para minimizar as dificuldades de interpretação e compreensão, pois, quando sentimos prazer em ler, criamos o hábito da leitura no momento de descanso e lazer, com isso, enriquecemos nosso vocabulário.

Gráfico 2 - Pergunta: Qual tipo de leitura você faz, ler textos no livro de Português, ler livros paradidáticos, ler jornais, revistas em quadrinhos? Cite todos os tipos de leitura que você faz

Fonte: Autora

No gráfico 2, nota-se que dos 14 alunos 8 leem histórias em quadrinhos, jornais, revistas de moda, futebol, etc., 6 leem somente o que a escola pede, no entanto, no gráfico 1 – 11 alunos afirmaram que gosta de ler, então, dos 6 alunos do gráfico 2, podemos pensar que 3 gostam de ler o que a escola pede e não buscam outras leituras.

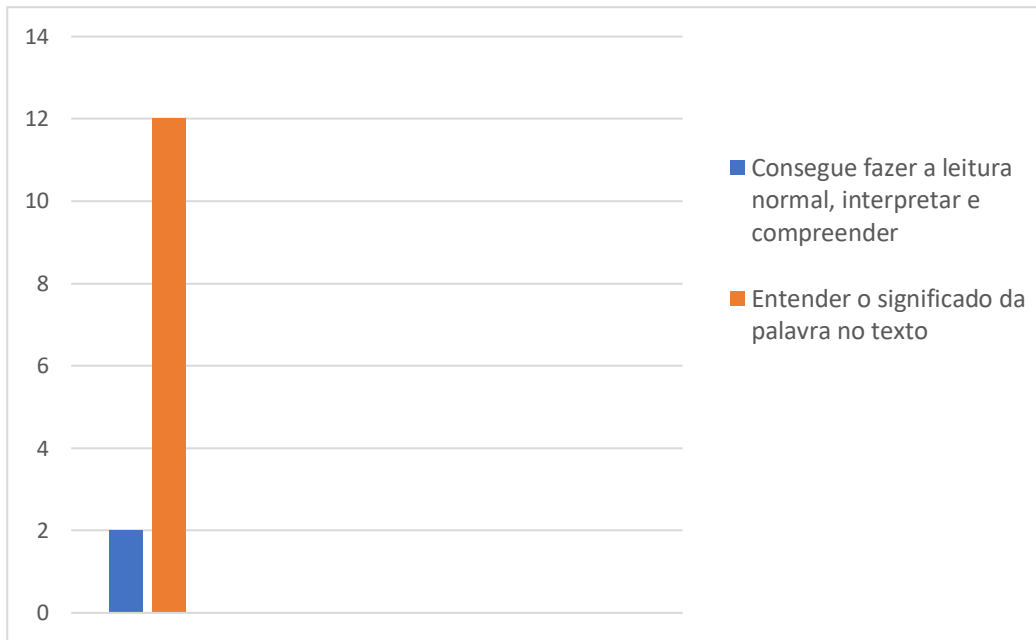
Gráfico 3 - Pergunta: Na sua opinião, o que é entender a leitura de um texto?



Fonte: Autora

No gráfico 3 para a pergunta “o que é entender a leitura de um texto?” dos 14 alunos 6 disseram que entender a ideia do autor é importante na leitura de um texto, já 8 disseram que é entender a ideia do autor e compreender, explicando com as próprias palavras. Dessa forma, os 6 alunos acham importante ser fiel à ideia do autor, já os 8 alunos não só acham importante descrever a ideia do autor como também consideram necessário demonstrar a compreensão acerca da leitura, identificando e expondo os próprios pontos de vistas.

Gráfico 4 – Pergunta: Se existe, qual a sua maior dificuldade na hora de fazer uma leitura? É entender o que o autor quer dizer, é explicar com suas palavras o que o autor quer dizer, qual a dificuldade? Exponha todas possíveis



Fonte: Autora.

No gráfico 4 dos 14 alunos, 12 afirmam sentir dificuldades em entender a palavra no texto, assim, ao dizerem que sentem dificuldade com a palavra, podemos deduzir, ao observar a atividade do texto embaralhado, que alguns alunos quando não compreendem o significado da palavra, ainda assim conseguem atribuir sentido à leitura, bem como, conseguem contextualizar conciliando os conhecimentos prévios à leitura. Verificamos, embasados na teoria de Pereira (2013) que o conhecimento cognitivo, o qual traz na mente informações prévias, associa a palavra nas frases, a partir do conhecimento de mundo, conferindo sentido na compreensão textual, desse modo, o aluno possui a capacidade cognitiva para interpretar e compreender um texto, mesmo desconhecendo o significado da palavra.

Por fim, às vezes vemos em sala de aula, após a realização da leitura de um texto, o professor perguntar o entendimento dos alunos e muitos se sentirem perdidos com a pergunta e até mesmo responderem que não entendeu nada, aí surge a pergunta, como assim não consegue entender nada? A Semântica Cognitiva nos faz perceber que temos um léxico mental que nos ajuda a entender o significado de uma palavra contextualizando no texto, se temos a capacidade de inferir, se possuímos informações prévias que nos permitem interagir com o texto, como o aluno pode ter a

impressão que não entendeu nada? Pode ser que diante de uma palavra desconhecida não consiga entender um trecho do texto e por isso abandona a leitura, talvez se não se desestimulasse e continuasse a leitura, ao chegar no final conseguisse entender algo, talvez se fosse orientado e estimulado a ampliar o léxico mental consultando um dicionário diante de uma palavra desconhecida, se fosse incentivado a ter o hábito de ler vários gêneros textuais, assim buscando outras leituras, se tivesse um acompanhamento pedagógico com atividades que permitissem verificar que sentido possui a mesma palavra empregada em contextos diferentes, possivelmente ajudaria nas dificuldades encontradas na leitura. Corso e Salles (2009, p.29) nos indicam que “O reconhecimento das palavras é condição necessária, mas não suficiente para compreender um texto”, portanto, é possível que o aluno entenda algo na leitura do texto, contudo, não consegue perceber, pois, provavelmente considera interpretação e compreensão ao conhecimento do significado da palavra.

Estas e outras inquietações poderiam ser melhor analisadas se não estivéssemos em um momento de pandemia e pudéssemos presencialmente chegar mais perto desses alunos, procurando investigar mais a fundo e entender as dificuldades encontradas na leitura de um texto.

5.3 ATIVIDADE COM TEXTO EMBARALHADO

O texto embaralhado foi tirado da internet no site educacao.uol.com.br criado pela autora Patrícia Cordeiro Sbrogio que colocou como objetivo a coesão e a coerência dos parágrafos. A proposta no início da pesquisa, antes da pandemia, seria seguir a ideia da autora que era formar grupos em sala de aula (formato presencial), recortar os parágrafos entregar aos grupos e pedir que montassem os parágrafos como se fossem quebra-cabeças, em seguida seria entregue aos alunos o texto completo para que eles fizessem comparações com o texto que eles montaram. Seríamos os mediadores na hora das dúvidas, direcionando o aluno a identificar os elementos gramaticais e linguísticos. Nesse sentido, estaríamos relacionando a proposta de atividade da autora à estrutura linguística, à construção do significado e ao léxico mental que possibilita fazer associações cognitivas como vimos em Corso e Salles (2009). Vimos também que Santos (2008, p.14) comenta que a leitura é uma atividade cognitiva que revela percepção, atenção, memória, raciocínio, intuição, imaginação e estratégias de ação. Sendo assim, a ideia da autora sugere que o aluno

faça uma representação mental buscando “conceitos gramaticais” aliados à “memória semântica” na organização das ideias. Assim, os alunos tinham que ordenar os parágrafos tentando construir um sentido que chegasse perto da ideia do autor, pois em um texto com parágrafos embaralhados, não se pode ordená-los exatamente como o autor escreveu. Assim, pensamos em verificar as respostas da atividade de entrevista, relacionadas à interpretação e compreensão, aplicando uma atividade prática.

Desse modo, foi aplicada a atividade de interpretação e compreensão textual, o texto com os parágrafos desordenados que consistia em perceber a organização das ideias por parte dos alunos. Foi pedido aos estudantes que organizassem os parágrafos e tentassem chegar mais próximo possível da ideia do autor. O objetivo da atividade era refletir como os alunos interpretam a leitura e organizam as ideias a partir da compreensão, bem como, perceber como atribuem sentido à leitura.

A figura 4 é o texto na íntegra do autor Stanislaw Ponte Preta (1995) e, que diferentemente do formato presencial proposto por Patrícia Cordeiro Sbrogio, o texto na íntegra não foi disponibilizado para os alunos na aula remota. A figura 5 que contém o texto com parágrafos embaralhados, foi distribuído aos alunos para que eles construíssem um sentido. Já a figura 6 é o entendimento do aluno W sobre o texto e a construção do sentido feita por ele. Para demonstração desta atividade usamos apenas um exemplo para comentar. Esse texto foi escolhido justamente por ser um quebra-cabeça que força o aluno a buscar elementos cognitivos e estruturais na organização das ideias, porém, o texto foi pensado pela autora, para alunos do ensino médio.

Figura 4 - Português texto embaralhado

Texto completo

Garoto linha dura

Deu-se que o Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra a uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafado pelo pai.

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi o Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime. O pai chamou o Pedrinho e perguntou: - Quem quebrou o vidro, meu filho?

Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima idéia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois. Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo: - Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? - e, ante a negativa reiterada do filho, apelou: - Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou:

- Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

- Você tem certeza?

- Juro.

Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas - quando o pai fez ameaça - Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.

Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e, já chateadíssimo, rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha idéias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou: - Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender à porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Stanislaw Ponte Preta (1995) por Patrícia Cordeiro Sbrogio

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-texto-embaralhado.htm>

Figura 5 - Português texto embaralhado

Texto com parágrafo embaralhado

Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo: - Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? - e, ante a negativa reiterada do filho, apelou: - Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse

que foi o Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

O pai chamou o Pedrinho e perguntou: - Quem quebrou o vidro, meu filho?

Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender à porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e, já chateadíssimo, rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha ideias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou:

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou:

- Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

- Juro.

- Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima ideia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.

Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas - quando o pai fez ameaça - Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.

Deu-se que o Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra a uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafrado pelo pai.

- Você tem certeza?

Patrícia Cordeiro Sbrogio

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-texto-embaralhado.htm>

Figura 6 - Aluno W

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi o Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo: - Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? - e, ante a negativa reiterada do filho, apelou: - Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender à porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou:

- Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima ideia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.

- Você tem certeza?

- Juro

Fonte: Aluno W.

Baseando na ideia de Lenz (2013) que apresenta a semântica cognitiva, retrata os conceitos, significados e inferências no texto, de modo que o aluno pode consultar seus conceitos prévios e organizar ideias dando sentido à leitura, observamos no texto do aluno W que as ideias não estão agrupadas exatamente na ordem que foi construída pelo autor e o aluno até exclui algumas partes do texto, talvez porque o texto foi pensado para alunos do ensino médio e possui vocábulos e tempos verbais ainda desconhecidos para alunos do 6º ano que possui entre 11, 12 e 13 anos, contudo, mostra que há uma compreensão, houve uma atribuição de sentido. Em função disso, se o texto tivesse uma linguagem mais simples, como vocábulos e estrutura gramatical já conhecidos pelo aluno, este poderia chegar mais perto da ideia do autor. Bem como, se a pesquisa tivesse sido presencial poderíamos direcionar e mediar o aluno tornando acessível o entendimento e assim, obter mais riqueza de detalhes na observação do comportamento do aluno com o texto, como também

verificar se a aplicação desse tipo de texto era adequada ou se mudaria de estratégia e até mesmo de texto, contudo, mesmo no ensino remoto não tivemos tempo hábil para realizar novas atividades, visto que, os alunos demoravam 15 dias para retornar as respostas.

Ainda assim, pudemos verificar uma importante constatação trazida por Pereira (2013) “A consciência textual focaliza o texto em suas relações textuais internas e suas relações com o contexto” (PEREIRA, 2013 p. 34). Sendo assim, o aluno estabeleceu coesão e coerência na organização dos parágrafos imaginando o contexto, mesmo não chegando bem próximo à ideia do autor, visto que excluiu alguns parágrafos. Resumindo, encontramos diferentes dificuldades nas atividades aplicadas aos alunos. Na entrevista, eles descreveram as opiniões sobre leitura e o que eles consideram como dificuldades na leitura. Na atividade do texto embaralhado, observamos que alguns alunos usaram a lógica cognitiva, no sentido de perceber a ordem, para organizar os parágrafos, visto que, de 14 alunos 9 mostraram a organização das ideias de forma semelhante, seguiram um padrão de lógica textual, semelhante, porém, 5 alunos devolveram o texto na íntegra, assim, suspeitamos que estes alunos podem ter encontrado o texto na internet, contudo, eles não tinham a informação que podiam achar o texto na internet, mas podem ter ido pesquisar com o intuito de facilitar a atividade e acabou encontrando o texto na íntegra, porém, Não temos certeza se encontraram o texto na internet, já que a atividade foi feita de forma remota, ou ainda, se tiveram a ajuda dos pais ou de outras pessoas, já que alguns demoraram bastante para retornar, desse modo, descartamos, as 5 atividades anunciadas, da análise. Mas se a atividade do texto com parágrafos desordenados fosse presencial, os que possivelmente encontraram a resposta na internet, não teriam essa possibilidade, poderíamos observar o comportamento do aluno na realização da atividade e seriam recolhidas no mesmo dia, sem direito a levar para casa.

Dessa maneira, refletimos que apesar dos alunos dizerem que tem dificuldade com palavras desconhecidas, apesar do nível de dificuldade do texto e não ser direcionado à faixa etária dos alunos, apesar de não serem fiéis a ideia do autor, pois muitos excluíram trechos do texto, eles conseguiram compreender e organizar as ideias dando sentido ao texto, demonstrando que conseguem associar palavras desconhecidas a contextos, apesar de alguns alunos terem dito que possuem dificuldade em entender o significado da palavra, bem como, mostraram que a

Semântica Cognitiva, a partir da organização mental, pode contribuir com a leitura de textos, visto que, estabeleceram uma estrutura de ideias que possibilitou ordenar parágrafos com sentido, mesmo que excluindo partes do texto.

5.4 ORGANIZAÇÃO DAS PERGUNTAS APLICADAS À PROFESSORA E SUAS RESPECTIVAS RESPOSTAS

Nesta parte do estudo trazemos algumas perguntas feitas à professora do 6º ano fundamental II, enfatizamos que foi a mesma professora da turma de alunos do 6º ano que aplicamos as atividades do texto embaralhado e a entrevista. Os questionamentos feitos à professora não foram de forma síncrona, visto que não dispunha de tempo para a entrevista, pois se encontrava em meio às organizações escolares, assim, as questões foram enviadas pelo Whatsapp e a professora retornou as respostas após 10 dias.

1. Como você identifica seus alunos em relação ao estudo da Língua Portuguesa?

Resposta da professora - Considero-os muito perspicazes quanto ao entendimento. Claro que, alguns assuntos necessitam de maior atenção e de maior tempo até todos entenderem completamente, mas fora isso, é bem tranquilo e consigo perceber um grande interesse dos alunos em relação à minha aula.

Análise da resposta – quando a professora fala que alguns assuntos precisam de mais atenção, entendemos que provavelmente esteja se referindo à estrutura linguística, às noções de gramática, aos aspectos abordados neste estudo como sendo fundamentais, porém não únicos, no entanto, não estamos dizendo que a professora não trabalha os aspectos cognitivos, estamos mostrando, a partir da resposta da professora, que os aspectos gramaticais e linguísticos não têm como ficar de fora na constituição da interpretação e compreensão de textos.

2. Para você qual a maior dificuldade na hora de mediar a leitura de textos?

Resposta da professora - Uma das coisas que dificultam, com certeza, é a falta de hábito de leitura em âmbito familiar, acaba que influenciando no desempenho da

leitura em sala de aula. Esse ano começamos a trabalhar com livros paradidáticos como estímulo à leitura.

Análise da resposta – nesta resposta, a professora admite que existe uma dificuldade, porém não deixou claro o tipo de dificuldade, mas podemos deduzir que ela esteja se referindo à interpretação e compreensão na leitura e que a dificuldade se acentua pela falta de hábito de leitura, porém na pergunta feita aos alunos se eles gostavam de ler, 11 responderam que sim, embora desses onze, 3 leiam apenas o que a escola pede, e 3 responderam que não gosta de ler, talvez a professora, ao perceber dificuldade na atividade de leitura, deduz que o aluno não tem hábito de ler ou talvez esteja se referindo ao hábito de ler contos, romances, ficção, visto que muitos alunos afirmaram em suas respostas que gostam de ler e que leem histórias em quadrinhos, revistas e jornais.

3. Você observa alguma dificuldade na interpretação e compreensão de textos de seus alunos? Se sim, quais?

Resposta da professora - Com exceção, de dois alunos que apresentam problemas cognitivos (constados em relatórios médicos) não percebi até esse momento alunos com dificuldades de interpretação ou compreensão.

Análise da resposta – nesta resposta a professora fala que não identifica dificuldade de interpretação e compreensão, no entanto, na resposta à pergunta anterior ela fala que há uma dificuldade na hora de mediar e que se deve à falta de hábito de leitura, deixando entender que influencia no desempenho da leitura em sala de aula. Fala também que dois alunos apresentam “problemas” cognitivos comprovados por relatório médico, contudo não relacionamos, neste trabalho de TCC, o aspecto cognitivo a uma questão médica, ao contrário, analisamos sob o ponto de vista do conhecimento cognitivo, procurando entender a necessidade do aluno na leitura, interpretação e compreensão de textos. Lenz (2013, p. 36-37) destaca que a semântica cognitiva “está preocupada com a natureza da mente, ou seja, com a forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado (conceitualização)”, dessa forma, quando a professora fala que tem alunos com “problemas cognitivos” confirmados através de diagnóstico médico, podemos usar a

teoria de Lenz (2013), levar para a Semântica Cognitiva e pensar que apesar de serem comprovadamente diagnosticado pelos médicos como tendo “problemas cognitivos”, podem apresentar características cognitivas que estão associadas a fatores linguísticos e gramaticais, sendo assim, podemos minimizar as dificuldades de leitura, com atividades voltadas ao enriquecimento do vocabulário, atividades de percepção e identificação de elementos textuais, atividades com utilização das mesmas palavras em contextos diferentes, fazendo os alunos utilizarem os conhecimentos prévios.

4. Você já trabalhou ou trabalha com seus alunos atividades de leitura, interpretação e compreensão de textos sob os pontos de vistas semânticos? Justifique.

Resposta da professora - Até o presente momento ainda não. No final do trimestre vamos começar a explorar mais os aspectos semânticos em textos. Se vemos os textos de base nos módulos dos alunos, vemos que algumas questões de semântica são baseadas nesses textos, mas fora isso, não costumamos trabalhar as duas partes juntas.

Análise da resposta – a professora reconhece que o material didático traz aspectos semânticos na estrutura dos textos, porém, afirma não ser de costume trabalhar Semântica nos textos, no entanto, reconhece a importância de trazer os aspectos semânticos do texto quando fala que pretende trabalhar o assunto.

O questionário foi pensado no intuito de averiguar a opinião da professora, a forma como vê os alunos nas atividades de leitura, identificar se ela percebia ou não dificuldades de interpretação e compreensão dos alunos, se sim, quais seriam as dificuldades. Assim, verificamos através da atividade de entrevista feita aos alunos e as perguntas feitas à professora que os alunos têm uma opinião e a professora tem outra, sobre a leitura de textos, ou seja, muitos alunos disseram que possui como dificuldade identificar o significado da palavra no texto, entender as ideias do autor e compreender apontando os próprios pontos de vistas, já a professora, na resposta 3 do questionário, fala que não percebe dificuldade de interpretação e compreensão dos alunos, no entanto, vimos que a dificuldade existe, porém permite o aluno avançar na leitura se utilizando do contexto a partir de “conceitos estruturados” levantados por Lenz (2013, p. 36-37).

Portanto, percebemos que os alunos possuem dificuldades que às vezes não são observadas pelo professor, não que o professor não esteja interessado nas dificuldades dos alunos, mas pode ser que o aluno não deixa transparecer as dificuldades, não tira dúvidas e até acha que não tem dúvidas, quando o professor pergunta se entendeu o assunto, muitos alunos respondem que entendeu e o professor avança com os conteúdos, contudo, as dificuldades serão apresentadas em um momento de atividade avaliativa, o qual o professor não pode interferir, o aluno deve responder à atividade de forma individual, nesse momento, até o próprio aluno percebe as dificuldades que antes não haviam se dado conta. Com isso, queremos dizer que as atividades com as perguntas aplicadas neste estudo tanto à professora quanto aos alunos serviram para mostrar que muitas vezes o professor não estará em sintonia com as necessidades dos alunos. Percebemos também que a atividade do texto embaralhado permitiu que os alunos mostrassem que possuem “conceitos estruturados” para organização das ideias no texto, talvez por esse motivo, a professora respondeu não perceber dificuldade de interpretação e compreensão, ou seja, as impressões são feitas no momento de aplicação de uma atividade, há atividades que permitem que os alunos se desenvolvam com destreza, como há atividades que trazem as dificuldades, pode ser que a resposta à pergunta 3 do questionário a professora tenha se baseado nas atividades que os alunos conseguem desenvolver facilmente. Talvez se trabalhasse os aspectos semânticos no texto as dificuldades ficassem mais visíveis nas atividades com textos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou as possíveis dificuldades de leitura, interpretação e compreensão de texto de alunos do 6º ano. Discursamos sobre a transição do nível de ensino do 5º ano para o 6º ano do ensino fundamental II, como uma das possibilidades que interferem no desempenho escolar do aluno em relação à leitura de textos. Vimos, através das respostas aos questionários, dos alunos e da professora, que há uma dificuldade na interpretação e compreensão dos textos, dito pelos alunos e professora. Alguns discentes relataram que sentem dificuldades no significado da palavra, sem, contudo, impedir o entendimento do texto. A professora em uma de suas respostas, falou que percebe dificuldades de leitura dos alunos porque acredita que eles não possuem o hábito de ler, entretanto, os alunos disseram que gostam de ler jornais, histórias em quadrinhos, revistas, porém, não disseram que gostam de ler romance, contos, artigos científicos, entre outros, que talvez fosse a leitura pensada pela professora.

Pensando na Semântica Cognitiva como suporte à interpretação e compreensão dos textos, que trata dos conhecimentos prévios e permite organização das ideias. Percebemos na atividade do texto embaralhado que os alunos utilizaram os conceitos prévios, estruturados na mente, para ordenar os parágrafos, contudo, apesar de não terem sido fiéis à ideia do autor, conseguiram atribuir sentido na realização da atividade. Com isso, atividades voltadas ao enriquecimento do vocabulário, atividades de percepção e identificação de elementos textuais, atividade com utilização das mesmas palavras em contextos diferentes, são formas de abordar a Semântica Cognitiva em sala de aula.

Em vista disso, a Semântica Cognitiva pode ser utilizada na leitura, interpretação e compreensão, abordando os aspectos cognitivos, conhecidos neste estudo como: percepção, atenção, memória, raciocínio, intuição, imaginação e estratégias de ação, observados por Santos (2008, p.14). Sendo assim, o aluno busca alternativas, amparando-se nos aspectos cognitivos mencionados, para encontrar o significado da palavra e quando não sabe o significado, pode utilizar dos mesmos mecanismos para contextualizar a palavra no texto e suprir a dificuldade de compreensão. Nesse sentido, a professora pode trabalhar com o arcabouço teórico da Semântica para auxiliar na condução das atividades de leitura em sala de aula. Desse modo, pode aplicar atividades de buscar o significado das palavras desconhecidas com uso de um

dicionário, identificar a palavra voltar no texto e ver se o significado se encaixa no contexto, visto que no dicionário temos uma mesma palavra relacionada à diferentes significados, desse modo, enriqueceria a habilidade cognitiva do aluno de compreender a leitura associando as palavras ao contexto. Com isso, não estamos querendo dizer que os aspectos semânticos não são vistos em aula, até porque os textos são dotados de Semântica, mesmo que não sejam trabalhadas atividades voltadas à teoria da Semântica.

Solé (1998, p. 34) observa que, na leitura, o aluno deve ser capaz de ler de forma “autônoma, estabelecer inferências, conjecturas”. Portanto, as dificuldades enfrentadas na leitura de textos, pode significar uma falta de direção dos professores em relação aos alunos, ou seja, mostramos neste estudo, algumas possíveis estratégias na mediação da leitura, então acreditamos que uma metodologia voltada a suprir as necessidades de interpretação e compreensão dos alunos, pode minimizar os efeitos das dificuldades apresentadas pelos estudantes em relação aos textos e até desenvolver o hábito pelos variados gêneros textuais, por que, talvez, os alunos que disseram que não gostam de ler, apesar de serem poucos, na verdade, podemos pensar que são desestimulados por não interpretar e compreender a leitura, apesar de possuir habilidade para tal, mas o não direcionamento, a não motivação, leva o aluno a dizer que não gosta de ler.

Pensando nas questões apresentadas neste estudo e analisando as atividades feitas pela professora e pelos alunos, identificamos que a Semântica, que tem o significado como objeto de estudo, está inserida na construção dos textos e contextos e precisa ser olhada com maior importância no âmbito escolar. Em sala de aula, nas análises reflexivas do texto, a Semântica precisa ser vista como um dos principais elementos textuais que desencadeia o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Assim, as atividades feitas neste trabalho não foram suficientes para suprir as indagações a respeito da problemática na leitura de textos de alunos do 6º ano, era preciso que a pesquisa fosse feita no formato presencial, pois teria como aplicar mais as atividades para o aprofundamento dos dados, visto que a resposta seria imediata, pois as atividades seriam recolhidas no mesmo instante, o aluno não levaria para casa. Poderíamos perceber as reações dos alunos diante de cada atividade, bem como, levantar mais hipóteses para a investigação. Os alunos que não participaram, poderiam interagir e fazer parte do processo, por que como foi realizado de forma

remota, faziam se quisessem e na aula presencial não teriam essa opção, fariam como se fosse uma atividade realizada pela professora regente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. A linguística, o texto e o ensino da língua. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018. 200p.

CANÇADO, Márcia. Manual de semântica: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 2008.

CORSO, Helena Vellinho; SALLES, Jerusa Fumagalli de. Relação entre leitura de palavras isoladas e compreensão de leitura textual em crianças. v. 44. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; FERREIRA, Liliana Soares. **Sentido, Significado e Mediação em Vygotsky**: Implicações Para a Constituição do Processo de Leitura. Revista Iberoamericana de Educación. [S.l.], N. 0 55 (2011), pp. 205-223 (ISSN: 1022-6508).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LEFFA, Vilson J. **Interpretar não é compreender**: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: Vilson J. Leffa; Aracy Ernst. (Org.). Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa. Pelotas: Educat, 2012, p. 253-269.

LENZ, Paula. Semântica Cognitiva. In: FERRAREZI JR., Celso; BASSO, Renato (orgs.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Compreensão da leitura e consciência textual nos anos iniciais. v. 38. Santa Cruz do Sul: Signo, 2013. p. 29-43.

PRETA, Stanislaw Ponte. Garoto linha dura. In: PRETA, Stanislaw Ponte. Dois amigos e um chato. São Paulo: Moderna, 1995.

SANTOS, Márcia Regina Mendes. O estudo das inferências na compreensão do texto escrito. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

SBROGIO, Patrícia Cordeiro. Português – Texto embaralhado. [S.l.], © 1996 – 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-texto-embaralhado.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 set. 2020.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
SOUZA, Aline Pereira de. Metáforas, metonímias e parábolas na construção do

sentido e na produção textual. In: CAGLIARI, Gladis Massini; Et al. Organizado por Antônio Suárez Abreu; Ana Carolina Sperança-Crisculo. São Paulo: Contexto, 2016. 176 p.

APÊNDICE



Questionário

Pesquisadora: Valmira Damasceno

Estudante Participante:

|

1. Você gosta de ler?

Sim () Não ()

2. Na sua opinião, ler é fácil ou difícil?

3. Se a resposta foi fácil, o que você considera ser fácil na hora de ler?

4. Se a resposta foi difícil, o que você considera ser difícil na hora de ler?

5. Quando você ler é por obrigação (solicitado pelo professor) ou é porque você gosta?

6. Qual tipo de leitura você faz, ler textos no livro de Português, ler livros paradidáticos, ler jornais, revistas em quadrinhos? Cite todos os tipos de leitura que você faz.

7. Você prefere textos grandes ou pequenos para leitura?

8. O que você acha quando a professora trabalha com textos na sala de aula? Você gosta dessas atividades? Por quê?

9. Na sua opinião, o que é entender a leitura de um texto?

10. Se existe, qual a sua maior dificuldade na hora de fazer uma leitura? É entender o que o autor quer dizer, é explicar com suas palavras o que o autor quer dizer, qual a dificuldade? Exponha todas possíveis.

Beijos, se cuidem e obrigada!!!